

Prefácio

Paradigma é em síntese um consenso científico, sobre uma certa maneira de ver o mundo (mundo-visão). Os cientistas como que se põem de acordo ou pretendem esse acordo ou até o assumem em relação à ciência que praticam. É igualmente aceitarem uma norma.

Já modelo tem outro sentido epistemológico, é como uma miniatura de realidade, um experimento, ou simulação reduzida de uma realidade, para perceber essa mesma realidade.

Ora como a autora nos diz, sente-se na actual psicologia do desenvolvimento, uma certa crise de paradigmas, e isso, como se vê algures no texto (no início e no fim), é devido às dimensões multimodas do comportamento nem sempre fáceis de descrever e explicar. E aí entramos no problema também crucial, como descrever (constructos, variáveis, etc.), como explicar, sistemas, teorias?

Nas suas ambições de sistema, os cientistas do desenvolvimento tiveram por vezes de "simplificar" as suas hipóteses

descritivas e explicativas a certos paradigmas, por vezes limitados ou limitativos.

É pois essa reflexão sobre teorias, sistemas, paradigmas e modelos que encontramos ao longo da obra de Isolina Borges. Dado os limites de uma pequena introdução deste tipo, recordo paradigmaticamente, um desses fulcros de algumas teorias do desenvolvimento de impacto tão frutuoso e ao mesmo tempo polémico. Estamos a falar de estádio do desenvolvimento, talvez o mais fulcral dos paradigmas em desenvolvimento, que se liga com outros de igual, menor ou maior abrangência como socialização, cognição, etc.

Assim desfilam nas páginas do livro em estudo, os sistemas e teorias mais comuns em Psicologia do Desenvolvimento. Que a psicologia do desenvolvimento humano é predominantemente histórica, a perspectiva anhistórica (ou ahistórica não dizer da autora), não é compatível com as várias modalidades descritivas e explicativas da evolução do comportamento do nascimento ao declínio. Perpassa pois neste livro esta vertente histórica dos conceitos mais comuns a esta área do saber, dos últimos 70 anos.

Recordemos ainda que o conceito de desenvolvimento é em síntese, uma busca das evidências comportamentais (há quem lhe chame comportamentos típicos ou cruciais, ou até chave), e das suas mudanças, e ao mesmo tempo a busca de consistências e estabilidades. Recordo uma frase do meu mestre de Psicologia do Desenvolvimento, René Zazzo, "é como andar numa escada rolante querendo apanhar coisas". Não recordo exactamente as palavras, mas a ideia, de Baltes ou Zazzo, é a mesma: em psicologia do desenvolvimento procuramos estabilidade num comportamento em mudança.

Esta afirmação é uma precução de sistemas, e vários são os sistemas que perpassam em análise, na "Introdução à Psicologia do Desenvolvimento". É também a busca da leitura, e a autora recorda-nos-lo, da mudança, que nos obriga a uma multiplicidade de enfoques nem todos completos ou coincidentes.

São pois analisadas, sobretudo, com os sistemas de Piaget e Freud, e autores de escolas neo-freudianas e neo-behaviouristas (não dos termos mas traduz uma realidade), essa mudança e essas consistências. Igualmente não está esquecido e perpassa na análise deste livro, relacionado com a questão que levantamos ácerca da posição histórica em Psicologia do Desenvolvimento, a outra vertente desta ciência ou conjunto de ciências, que é a relação indivíduo-sociedade e a sua evolução ao longo do tempo. Claro está que esta vertente é profundamente historicista e liga-se com o fenómeno crucial dos comportamentos socializados ou sociais, nomeadamente os que tornam o indivíduo apto a aceder às regras sociais, morais, numa palavra a adaptar-se à sociedade onde vive.

Refere em determinada altura a autora, a importância da perspectiva interaccionista e constructivista da qual Piaget é o principal mentor. Deste modelo ressaltam alguns problemas actualmente revisitados, tais como a invariância dos estádios e sua diferenciação qualitativa e que se pretende aproximadamente buscar (fixar?). Claro está que esse sistema que foi paradigma e ainda o é, tem vicissitudes e obriga actualmente a novas perspectivas e aprofundamentos. A mera cognição, se recordarmos a advertência de S. Meadows, poderá, em certa escala, e talvez de modo mais fundamentado nas fontes de experiência, "explicar" certos comportamentos clássicos de psicologia do desenvolvimento até agora não fortemente demonstrados.

Isto vem a propósito da afirmação da autora — "assim, em última análise, a psicologia genética é o estudo dos processos que, a nível cognitivo, estão presentes no sujeito desde o nascimento à adolescência", o que pressupõe um aprofundamento constante dessas experiências e a sua descrição exacta, demonstração e explicação embora circunscrita e não sistemática como pretendia o genial Piaget.

Do trabalho da autora resulta, para além da grande familiaridade com a perspectiva de Piaget e seus colaboradores,

uma outra área que domina com à vontade. Referimo-nos à perspectiva psicanalítica de Freud e dos pósfreudianos. Assim não passa despercebido a Isolina Borges o crucial problema da psicanálise enquanto psicologia do desenvolvimento, ou talvez mais modestamente de certos comportamentos emocionais do "filho do homem". E esse crucial problema reside, a nosso ver e segundo muitos autores, na profunda "individualidade" ou individualismo do sistema freudiano clássico. As forças ou factores do desenvolvimento são intrínsecos ao homem e o sistema é tautologicamente demonstrado pela metapsicologia. Daí o sistema não abordar uma das perspectivas mais importantes da psicologia do desenvolvimento, a da perspectiva histórica, a relação indivíduo-sociedade. Não escapam sem dúvida à autora as tentativas de E. Erikson, um dos mais destacados neo-freudianos, o qual pressupõe um modelo em que o "social" é tido em conta.

No entanto e citamos a autora de *INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO* "...mas a evolução da Psicologia (do desenvolvimento) não dispensa, pelo menos neste momento da sua história tão recente, uma metodologia(s) que garanta(m) a cientificidade dos seus pressupostos."

Joaquim Bairrão Ruivo